

CARATE- RÍSTICAS E TENDÊNCIAS DO MERCADO LEILOEIRO PORTUGUÊS NOS ÚLTIMOS ANOS

LUÍS URBANO AFONSO | FLUL



INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto consiste em apresentar as conclusões preliminares do estudo financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia intitulado *O mercado leiloeiro de arte antiga e contemporânea em Lisboa (2005-2011)*,¹ cujos resultados definitivos contamos apresentar no prazo de um ano. Para o efeito este texto está organizado em três partes de extensão e natureza desigual. Na primeira parte apresento uma breve caracterização da evolução do mercado da arte nos últimos vinte e cinco anos, tanto em termos internacionais como em termos nacionais. A segunda parte, por sua vez, diz respeito a uma apresentação sintética das conclusões alcançadas a respeito do mercado leiloeiro nacional durante o período de 2005 a 2011. Esta apresentação é feita através da análise de vários gráficos que permitem ter uma percepção mais sólida, e quantificada, do mercado leiloeiro português ou, pelo menos, da realidade patente nas principais empresas ativas neste ramo em Portugal. Finalmente, a terceira parte é mais breve e ligeira, e destina-se, basicamente, a apresentar as peças transacionadas por valores mais elevados entre 2005 e 2011. A partir dessa lista, retiram-se algumas conclusões sobre as características do segmento superior do mercado leiloeiro português.

O MERCADO DA ARTE NOS ÚLTIMOS VINTE E CINCO ANOS

O MERCADO DA ARTE A NÍVEL INTERNACIONAL

Se fizermos um exercício de comparação entre aquilo que é hoje em dia o mercado da arte em termos globais e aquilo que ele era há vinte e cinco anos, na altura do seu anterior pico, verificamos que as diferenças são abissais. Não tanto em termos de volume de faturação, pois os valores em causa serão, quando muito, cerca de 30% superiores aos dessa época, mas sobretudo em virtude das profundas mutações verificadas ao nível da sua **consistência**, da sua **geografia**, da sua **estrutura** e da **tipologia** dos bens que são transacionados neste mercado. Em termos de valor convém sublinhar, antes de mais, que o peso do mercado da arte em termos relativos é perfeitamente negligenciável em relação ao PIB mundial, correspondendo a uns meros 0,1%. No entanto, se dissermos que, em termos absolutos, esse valor quase que equivale a um terço do PIB português o nosso quadro de referência muda e percebe-se como é que este setor pode empregar diretamente em todo o mundo cerca de 2,4 milhões de pessoas. Atualmente, de facto, o mercado da arte mundialmente representa um volume de negócios de quase €47 mil milhões, o que compara com o anterior pico atingido em 1989-90, em que se estima ter atingido cerca de €30-40 mil milhões (em valores atualizados).²

Referi anteriormente que hoje em dia este setor demonstra uma maior **consistência** em comparação com o que sucedia há um quarto de século. A forma como foram ultrapassadas as duas maiores crises deste setor durante o período em causa é reveladora da superior consistência do mercado da arte na atualidade.

Com efeito, a crise de 1990-91 reduziu para menos de um terço o volume de vendas do setor, atirando-o para uma prolongada estagnação, entre 1992 e 2003, seguida por uma recuperação gradual que demorou quatro anos até atingir o patamar de 1989. Por sua vez, a crise de 2008-09 também provocou descidas acentuadas, e repentinas, mas menos profundas do que em 1990-91. Além disso, e esta é a grande diferença, foi uma crise que demorou apenas dois anos a ser ultrapassada, atingindo-se em 2011 o volume de negócios anterior à crise de 2008-09.³

Parte do segredo desta rapidíssima recuperação tem que ver com as mudanças profundas ocorridas na **geografia** do mercado da arte, verificadas já no novo século. Excluindo o epifenómeno do final dos anos 80, quando compradores nipónicos levaram a pintura Impressionista

a atingir recordes irracionais, o mercado da arte estava centrado nos EUA, em Inglaterra e, em menor grau, na Suíça. Desde o início do novo século, os países ocidentais foram perdendo progressivamente peso neste setor em benefício do mercado asiático. Hoje em dia, a China detém a maior fatia do mercado da arte, contando no seu território com metade dos maiores *hubs* comerciais deste negócio, atualmente centrado em Pequim, Londres, Nova Iorque, Hong Kong, Paris e Xangai.⁴

Esta alteração é sentida de um modo mais evidente quando se olha para a lista dos dez artistas mais valiosos em leilão, isto é, aqueles cujo somatório de obras leiloadas num determinado ano atinge montantes mais elevados. Com efeito, em 2011, e de acordo com a análise de Artprice, seis desses nomes, incluindo os primeiros dois da lista, pertencem a artistas chineses nascidos nos séculos XIX e XX pouco conhecidos fora da China e do Extremo Oriente, como Zhang Daqian ou Qi Baishi, surgindo à frente de artistas como Pablo Picasso, Andy Warhol ou Francis Bacon.⁵

Em termos **estruturais** o mercado da arte também sofreu grandes alterações. Genericamente, tanto na arte contemporânea, como na arte antiga ou nas artes decorativas, os agentes de retalho tradicionais perderam quota de mercado para as grandes leiloeiras. Acentuou-se a diminuição de vendas em leilão a retalhistas e intermediários, sendo substituída pelo incremento das vendas a consumidores finais, o que permitiu obter valores de venda mais elevados. Os poderosos meios financeiros à disposição das maiores leiloeiras e a política agressiva de captação de obras para venda cavaram um fosso entre estas leiloeiras e a generalidade dos agentes do mercado da arte que não têm recursos financeiros para competir no mesmo nível. Esta feroz competição foi ao ponto de as leiloeiras (mercado terciário) terem entrado em força nos domínios tradicionalmente reservados aos agentes do mercado primário (galeristas que comercializam pela primeira vez uma obra de arte) e do mercado secundário (antiquários ou galeristas que comercializam subsequentemente uma obra de arte).

Com efeito, importantes galerias e antiquários foram adquiridos por leiloeiras, do mesmo modo que se realizaram as primeiras feiras de arte e vendas em primeira mão organizadas pelas próprias leiloeiras. Além disso, no balanço destas empresas têm cada vez mais relevância alguns serviços antes reservados aos retalhistas, nomeadamente o aconselhamento e as vendas privadas. Nas últimas décadas multiplicou-se também o número de novos museus e centros de arte, especialmente no domínio da arte contemporânea, tanto por iniciativa pública como por iniciativa privada. O mais interessante, porém, é que a distribuição destas novas instituições é mais equilibrada, sendo mais sentida na Ásia e no golfo Pérsico. Por último, no domínio da arte contemporânea, os galeristas passaram a estar cada vez mais dependentes dos negócios realizados nas feiras de arte contemporânea reduzindo-se, significativamente, o peso das vendas em galeria, um fenómeno que também cresceu em importância entre os antiquários, mas neste caso em relação às feiras de antiguidades.

Em termos de **tipologias transacionadas**, houve também grandes mudanças neste último quarto de século. O aspeto mais relevante no mercado da arte é, sem dúvida, a crescente importância assumida pela arte moderna e pela arte contemporânea, que correspondem, *grosso modo*, à arte da primeira metade do século XX e à arte produzida desde o pós-guerra. Esta profunda mutação resultou da combinação de uma série de fatores. Desde logo, uma cultura artística mais sofisticada por parte do público e dos consumidores, apoiada num maior número e melhor qualidade das instituições dedicadas à arte moderna e contemporânea. Por outro lado, a escassez no mercado de obras de arte mais antigas de alto calibre obrigou os agentes a moverem-se para um segmento onde a oferta é maior, entrando cada vez mais na esfera de artistas mais jovens. Finalmente, sucessivos escândalos relacionados com a transação de antiguidades escavadas ilegalmente em países como Itália, Grécia, Peru ou Egito, e

posteriormente adquiridas por grandes museus europeus e americanos, levou os agentes de mercado, especialmente, as leiloeiras, a afastarem-se da transação deste tipo de obras cuja origem e percurso é sempre mais difícil de estabelecer.

O MERCADO DA ARTE A NÍVEL NACIONAL

Em relação a este ponto serei muito mais sucinto, na medida em que a secção principal deste estudo é dedicada à análise do mercado leiloeiro português entre 2005 e 2011. Assim sendo, de uma forma muito breve e esquemática, pode-se dizer que o mercado da arte nacional assistiu a uma tendência de crescimento entre os meados dos anos 80 e o final dos anos 90, ainda que tenha tido alguns percalços ao longo desse tempo. De uma maneira geral, a preferência dos consumidores foi dirigida, sobretudo, para o domínio da arte portuguesa, em especial para três segmentos: (1) a pintura figurativa, de paisagem, género ou retrato, realizada entre os meados do século XIX e o primeiro terço do século XX; (2) a ourivesaria realizada entre o reinado de D. José e o fim da monarquia; (3) o mobiliário antigo, especialmente o que foi produzido entre os meados do século XVIII e os inícios do século XIX. Em termos de produção estrangeira, a preferência foi dada às porcelanas chinesas da dinastia Qing, praticamente coincidente com a quarta dinastia portuguesa, e para as artes decorativas luso-asiáticas produzidas no Índico entre os finais do século XVI e os finais do século XVIII, nomeadamente peças recorrendo ao marfim, à madrepérola, à tartaruga e a outros materiais exóticos. De uma maneira geral, este comportamento dos consumidores emulava a tipologia das melhores coleções privadas formadas em Portugal durante o Estado Novo, como a de Ricardo do Espírito Santo Silva, Anastácio Gonçalves, Abel de Lacerda ou António Medeiros e Almeida, pelo que se pode falar de um prolongamento dos valores simbólicos associados a este tipo de posse e consumo.

Porém, na viragem do milénio o mercado nacional começou a assistir a duas grandes mudanças, motivadas pela criação de algumas coleções de arte privadas, pela maior sofisticação do público em matérias artísticas e por um novo comportamento das elites económicas na definição dos bens simbólicos que definem o seu estatuto social. A primeira grande mudança consistiu no crescente interesse pela arte moderna e contemporânea nacional, manifestada na constituição de coleções privadas, pessoais e corporativas, e no desenvolvimento muito rápido do número, e da qualidade, das galerias especializadas neste tipo de obras, bem como na sua introdução nos circuitos de comercialização internacionais. Do mesmo modo, o peso deste tipo de arte na faturação das leiloeiras foi crescendo progressivamente até ao último terço de 2008, de tal forma que esta tendência conduziu mesmo à formação de uma nova leiloeira exclusivamente dedicada a este tipo de arte.

A segunda grande mudança no mercado da arte português representa uma derivação da primeira, na medida em que diz respeito a uma tentativa de fuga ao estigma da paroquialização e, eventualmente, a uma tentativa de diversificação do risco, que, em conjunto, levou os consumidores a mesclarem as suas coleções de arte contemporânea com peças nacionais e estrangeiras. Assim sendo, habitações e escritórios que até 2000-02 estavam recheados de peças de alto valor, representando as tipologias típicas do mercado nacional até essa data (porcelanas, pintura figurativa, mobiliário, etc.), dão lugar a espaços mais minimalistas e preenchidos com peças contemporâneas, sobretudo de pintura, tanto de artistas nacionais como de artistas estrangeiros.

CARACTERÍSTICAS E TENDÊNCIAS DO MERCADO LEILOEIRO PORTUGUÊS (2005-11)

QUESTÕES PRÉVIAS

Como referi anteriormente, o estudo desenvolvido incidiu sobre a atividade do mercado leiloeiro português durante os anos de 2005 até 2011, englobando as artes decorativas, a arte antiga e a arte contemporânea. Os objetivos principais deste projeto consistiam em definir tendências e gostos dominantes, saber qual o volume de negócios global desta atividade, qual a percentagem de retirados (isto é, lotes que não recebem qualquer licitação) e quais os setores de maior liquidez e rotatividade, entre muitos outros aspetos. Para alcançar este tipo de objetivos foi necessário criar uma grande base de dados, que em abril de 2012 incluía informação de cerca de 68 mil lotes, dando origem a um total de meio milhão de registos, e que esperamos poder colocar à disposição do público através do seu alojamento em livre acesso nas páginas da FLUL e/ou do ISCTE-IUL.

A criação desta base de dados implicou o trabalho de diversos bolseiros, investigadores e voluntários que compulsaram os dados dos catálogos dos leilões e os resultados realizados com os mesmos, nomeadamente os mestres e mestrandos Pedro Simões, Vera Dias, Ana Alves, Ana Romero, Inês Martins, Rita Ferreira, Soraia Silva e Rita Alves. Como é sabido, tanto os catálogos como as listas dos resultados dos leilões são completamente públicos e encontram-se disponíveis, quase sempre, nas páginas *web* das principais leiloeiras nacionais. Em todo o caso, na altura em que iniciámos este projeto não existia nenhuma ferramenta de pesquisa que permitisse analisar em conjunto esses elementos. Outro dos objetivos que pretendíamos alcançar era utilizar os dados referentes aos leilões para estimarmos o volume de negócios do mercado da arte em Portugal, um assunto tratado por alguns membros da equipa de investigação noutros locais.⁶

Inicialmente, a equipa de investigação selecionou e contactou oito leiloeiras para saber da respetiva disponibilidade para colaborar na realização deste estudo, tanto em Lisboa como no Porto, mas com o desenrolar do tempo apenas três leiloeiras, de facto, se prestaram a colaborar connosco, designadamente a Cabral Moncada Leilões, o Palácio do Correio Velho e a Sala Branca, todas elas sediadas em Lisboa, e a quem manifestamos o nosso reconhecimento por toda a ajuda dada, nomeadamente na identificação e envio de catálogos antigos, e dos respetivos resultados de venda, bem como no acesso a outro tipo de informação de natureza mais reservada. Sem esta colaboração, os resultados que alcançámos seriam muito mais limitados. Nesse sentido, no que se refere à análise das tendências do mercado leiloeiro português os dados que serão apresentados neste estudo dizem respeito, exclusivamente, à atividade destas três leiloeiras, podendo servir, até certo ponto, como barómetro do mercado leiloeiro português na sua totalidade, ou pelo menos daquilo que é o seu segmento alto, médio-alto e médio.

LITERATURA E FERRAMENTAS SOBRE O MERCADO DA ARTE EM PORTUGAL

Quando este projeto se iniciou havia pouca informação disponível sobre o mercado da arte em Portugal. Os poucos estudos e ferramentas de pesquisa disponíveis não permitiam ter uma ideia muito aprofundada sobre este fenómeno. Num estudo de 2008, por exemplo, Clare McAndrew estimava que o volume de negócios do mercado da arte em Portugal fosse apenas de 20 milhões de euros por ano.⁷ Ora, a simples soma do volume de faturação das três leiloeiras que estudámos mostrava-nos que tal valor estava completamente errado, por defeito, pois só essas três leiloeiras faturavam em conjunto, anualmente, valores próximos desse montante.

Se pesquisarmos no *site* Artprice, por exemplo, verificamos também que muitas das vendas realizadas em leilão em Portugal não chegam a ser compulsadas nesta base de dados. Ao contrário do que sucede com o nosso estudo, onde apenas apresentamos dados provenientes de três leiloeiras, no caso da Artprice existem vendas por parte de leiloeiras que supostamente são acompanhadas por este *site* que não estão presentes. É este o caso, por exemplo, de algumas das maiores vendas de pinturas de Paula Rego. Com efeito, pelo menos em novembro de 2011, quando procedemos a essa consulta, não constavam deste conhecido *site* as pinturas *Hey Diddle Dee*, leiloadas na São Domingos, do Porto, a 4 de dezembro de 2008 por 400 000€, *Madrastra*, leiloadas no Palácio do Correio Velho a 27 de novembro de 2006 por 220 000€, nem a pintura *Sem Título*, leiloadas na mesma casa a 12 de março de 2008 por 250 000€.

Os estudos sobre o mercado da arte português são na verdade muito escassos, especialmente se procurarmos trabalhos sobre a globalidade do mercado da arte em Portugal e não apenas sobre o segmento da arte contemporânea, onde Alexandre Melo, Idalina Conde ou Maria Lima Santos realizaram anteriormente diversos trabalhos de grande mérito.⁸ Provavelmente, o melhor estudo existente sobre o mercado da arte em Portugal, na sua totalidade, foi elaborado por João Magalhães e publicado em 2008. Na impossibilidade de recorrer a dados quantitativos, o autor apresentou um panorama extremamente meritório sobre a realidade do mercado da arte em Portugal, tendo identificado os principais agentes do mercado, os artistas mais relevantes, bem como as principais tendências e principais segmentos do mercado, através de uma análise baseada em entrevistas e nos destaques dos principais leilões.

Em data mais próxima, 2010, foi publicado um estudo de Jean-Pierre Blanchon dedicado à cotação de artistas portugueses em leilão. Não obstante constituir um registo muito precioso de informação útil e relevante, é um trabalho que se revela pouco prático em termos de utilização. Além disso, é um trabalho que não beneficia da inclusão de vários comentários esdrúxulos, perfeitamente desnecessários, relativos aos méritos ou deméritos dos artistas tratados, além de seguir alguns parâmetros classificativos pouco evidentes. Bastante mais prático e útil é, sem dúvida, o *site* V ART (<http://www.vart.pt/>), que disponibiliza uma base de dados *online* com alguns resultados de venda em leilão, mas apenas para obras de arte do período moderno e contemporâneo. Trata-se de uma ferramenta que à data da redação deste texto inclui cerca de 10 000 lotes referentes a 1600 artistas.

CRITÉRIOS E METODOLOGIAS SEGUIDOS NESTE ESTUDO

Como referi antes, os dados que vou apresentar e comentar de seguida dizem respeito apenas à realidade de três leiloeiras de Lisboa. Apesar de terem sido contactadas oito leiloeiras, de Lisboa e do Porto, e de se terem alcançado boas perspectivas de colaboração com cinco dessas leiloeiras, apenas se consegui garantir a colaboração efetiva de três destas empresas. No entanto, para o período estudado, estas três leiloeiras são, de facto, as mais importantes em termos nacionais, sendo de salientar que duas delas são as maiores empresas dentro do seu ramo. Estimamos, aliás, que estas leiloeiras em conjunto representem mais de 50% do mercado leiloeiro de arte e antiguidades em Portugal, não tanto em termos de volume de lotes, mas seguramente em termos de valor de faturação.

Durante estes sete anos, de 2005 a 2011, estas três leiloeiras realizaram 210 leilões. Destes leilões tratámos, até ao momento, a informação referente a 108 hastas, número que esperamos aumentar até final deste ano para os 137 leilões. Importa referir, que desse total de leilões (210) excluímos 10 leilões de vinhos, 16 leilões de livros e três leilões temáticos, já que tratam de bens marginais em relação ao âmbito deste estudo. Assim sendo, o total de leilões com relevância para o nosso estudo desce para 181.

Olhando agora para o número total de lotes destas leiloeiras nos sete anos em causa, entre 2005 e 2011, contabilizam-se cerca de 120 mil lotes (vinhos e livros incluídos), dos quais tratámos pouco mais de 68 mil, ou seja, 57% do total. Excetuando os casos devidamente identificados, todos os dados apresentados de seguida dizem respeito, portanto, à realidade que tratámos, ou seja, aos tais 68 mil lotes.

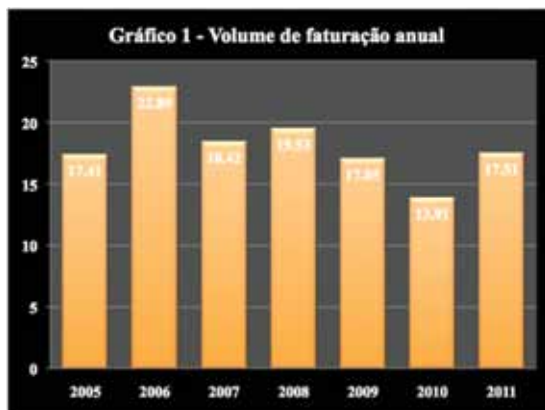
Importa sublinhar que segmentámos a realidade estudada (c. 68 mil lotes) em três géneros principais, correspondentes a **artes decorativas, pintura e escultura**, cada um deles subdividido em várias tipologias, havendo maior número de categorias, naturalmente, no âmbito das artes decorativas. No caso da pintura e da escultura, procedemos a uma segmentação por tipologias subdividindo-as em *antiga, moderna e contemporânea*. Na impossibilidade de atender à especificidade estilística de cada obra, optámos por diferenciar estas tipologias em função da data de nascimento dos seus autores. Assim, convencionámos chamar pintura/escultura antiga às obras realizadas por artistas nascidos até 1849, pintura/escultura moderna às obras realizadas por artistas nascidos entre 1850 e 1945, e pintura/escultura contemporânea às obras realizadas por artistas nascidos após 1945. Embora parte destas classificações sejam seguidas por algumas grandes leiloeiras internacionais, verificámos, demasiado tarde, que não eram as mais indicadas para a situação portuguesa, nomeadamente no caso das obras contemporâneas, onde seria mais adequado ter optado por recuar o ano de nascimento dos artistas para 1920-25. Seja como for, a opção foi tomada no início do projeto e foi seguida até ao final.

CARATERÍSTICAS E TENDÊNCIAS DO MERCADO LEILOEIRO PORTUGUÊS (2005-11)

Este ponto é dedicado à apresentação e comentário de uma série de dados que permitem caracterizar o mercado leiloeiro português com dados quantitativos extremamente fiáveis. São analisados dados que se referem à evolução da faturação das leiloeiras, à evolução do número total de lotes oferecidos em cada ano e ao número de retirados, bem como dados sobre a distribuição dos lotes por géneros e tipologias, por data e local de produção, além de se analisar a evolução do valor médio de venda de cada lote e de se proceder a uma segmentação dos lotes por valor de venda.

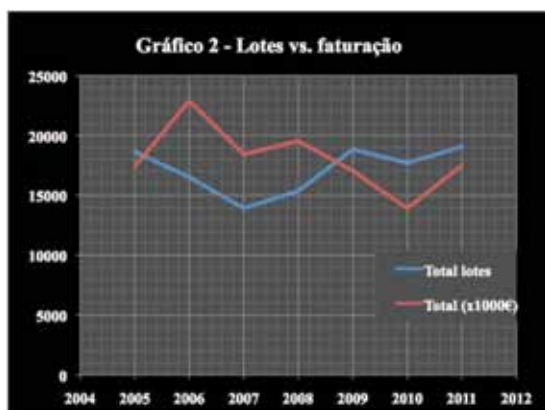
Volume de faturação

Entre 2005 e 2011 assistiu-se a uma clara diminuição do volume de faturação das três leiloeiras estudadas (Gráfico 1).⁹ De uma maneira geral, durante os anos de 2006 a 2008 o volume de faturação permaneceu elevado, tendo diminuído em 2009 e, sobretudo, em 2010. O gráfico permite verificar que o melhor ano em termos de faturação foi 2006 e que o pior ano foi 2010, coincidindo com o agravar de uma conjuntura recessiva em Portugal. Importa sublinhar, porém, que o ano de 2011 representou uma recuperação assinalável face ao ano anterior, aproximando-se dos valores do primeiro ano do início deste ciclo. Esta notável recuperação parece indicar que a pior fase deste setor já terá sido ultrapassada. No entanto, importa aguardar pelos dados finais de 2012 para se ficar a saber se esta recuperação foi um episódio momentâneo ou se é algo mais substancial e sustentável no médio prazo.



Lotes vs. faturação

Fazendo o cruzamento dos dados referentes aos volumes de faturação com a quantidade de lotes levada a leilão em cada ano (Gráfico 2), verificamos que existe uma tendência muito clara no aumento da quantidade de lotes levados a leilão (linha azul).¹⁰ Porém, e isso não deixa de ser muito sintomático, verifica-se que este aumento da oferta não foi acompanhado por um aumento da faturação (linha vermelha). Verificou-se, aliás, pelo contrário, uma diminuição da faturação, conforme referi anteriormente. A explicação para este aparente paradoxo é simples: por um lado, o valor médio dos lotes vendidos é mais baixo agora do que era anteriormente; por outro lado, existe um maior número de lotes que não são arrematados.



Retirados

Os lotes que são levados a leilão e que ficam por vender designam-se por *lotes retirados*. Em média, durante o período estudado, um em cada três lotes não foi vendido, isto é, foi retirado, o que está em linha com o comportamento típico no mercado leiloeiro europeu (Gráfico 3).¹¹ Durante este período, de facto, e focando-me nos dados que recolhemos na nossa própria base de dados, a percentagem de lotes retirados oscilou entre os 32% (2007) e os 37,5% (2010). O valor mais alto de retirados coincidiu, como seria de esperar, com o ano mais negro em termos de faturação. Em todo o caso, estes valores escondem realidades muito diferenciadas em função dos segmentos do mercado leiloeiro que estivermos a analisar. Por exem-

plo, enquanto no segmento do mobiliário e dos têxteis a percentagem média de retirados foi superior a 40%, no caso da ourivesaria e prataria tal percentagem é apenas ligeiramente superior a 20%. É, pois, muito importante ter noção destas diferenças para não se fazerem generalizações abusivas.

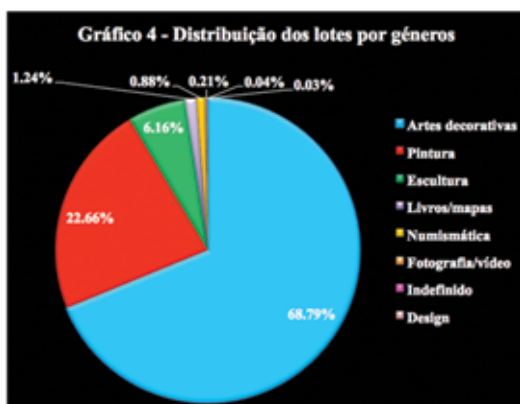


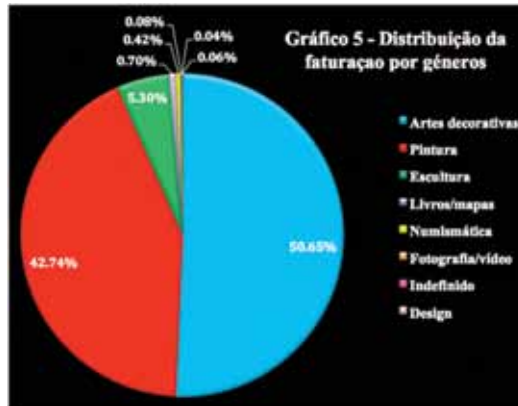
Distribuição por géneros

Como referi anteriormente, os lotes que a nossa equipa estudou foram divididos, essencialmente, em três grandes géneros: artes decorativas, pintura e escultura (Gráfico 4). A esmagadora maioria dos lotes dizem respeito às artes decorativas, que representam 68,79% do total levado a leilão, sendo bem menores os números referentes a lotes de pintura, 22,66%, e de escultura, com 6,16%.¹²

Distribuição da faturação por géneros

Se o volume de lotes levado a leilão é claramente dominado pelas artes decorativas, em termos de valor de faturação o peso de cada género é bem diferente (Gráfico 5). Efetivamente, a importância da pintura para a faturação global do mercado leiloeiro português é bastante maior do que o seu volume em termos de quantidade de lotes. Com 22,66% do total de lotes, a pintura representa 42,74% em termos de faturação, o que se explica, sobretudo, pelo facto de o valor de venda de cada lote de pintura ser maior, em média, do que os lotes de artes decorativas. Por sua vez, a percentagem de lotes das artes decorativas (68,79%) corresponde a 50,65% da faturação total das leiloeiras.





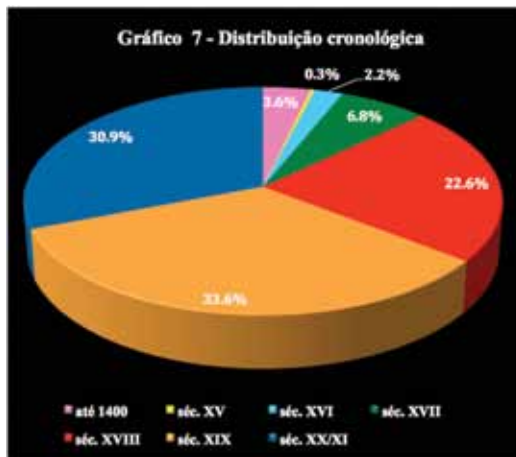
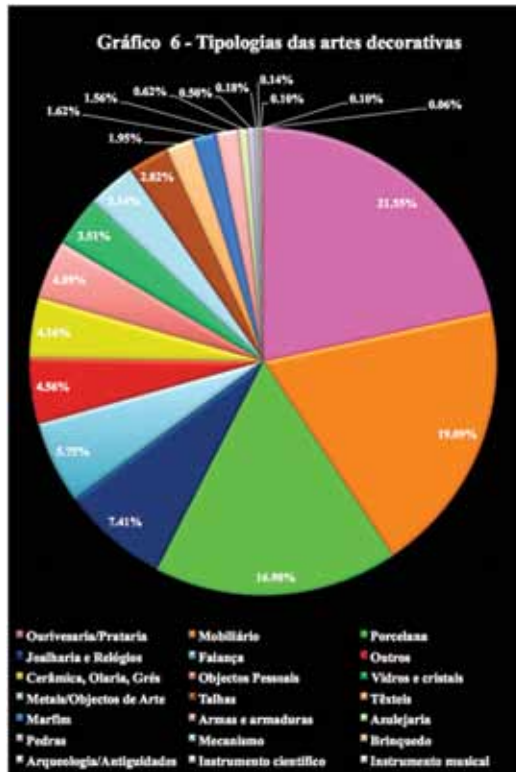
Distribuição por tipologias

Para termos uma ideia mais precisa da composição do mercado leiloeiro, em termos quantitativos, subdividimos cada género em várias tipologias. No caso da pintura e da escultura, as tipologias em questão são muito esquemáticas, dizendo respeito apenas aos períodos antigo, moderno e contemporâneo, conforme expliquei anteriormente. No entanto, no domínio das artes decorativas a situação é bastante mais rica e complexa, já que as tipologias em que se subdivide este género são muito diversificadas (Gráfico 6). Ainda assim, como se pode verificar na análise desse gráfico, as tipologias mais representadas em número de lotes são claramente a ourivesaria e prataria (21,55%), o mobiliário (19,09%) e as porcelanas (16,9%). Seguem-se, num patamar mais distante, a joalheria e os relógios (7,41%), as faianças (5,75%), as cerâmicas (4,16%), além de um número muito assinalável de objetos diversificados que não encaixam em nenhuma grande tipologia e surgem, assim, agrupados sob a designação genérica de “outros” (4,56%). Por ordem decrescente, segue-se a cerâmica, olaria e grés (4,16%), os objetos pessoais (4,09%) e os vidros e cristais (3,51%). A merecer também uma nota de destaque são os objetos maioritariamente feitos em marfim (1,62%), com uma percentagem proporcionalmente muito relevante entre os lotes de artes decorativas.

Distribuição cronológica

O mercado leiloeiro português trabalha, fundamentalmente, com objetos realizados nos últimos duzentos anos, já que dois em cada três lotes levados a leilão datam dos séculos XIX, XX ou XXI (Gráfico 7). Se recuarmos mais cem anos, até 1700, os lotes levados a leilão produzidos daí para cá são já praticamente nove em cada dez (87,1%). Embora haja alguns lotes produzidos durante o Paleolítico e o Neolítico, e outros produzidos no Antigo Egipto ou na Roma Antiga, a soma de todos os lotes produzidos antes de 1400 é muito pouco significativa no mercado leiloeiro português (3,6%). Em termos quantitativos, só as peças produzidas do século XVII (6,8%) é que têm um impacto minimamente razoável no mercado leiloeiro.

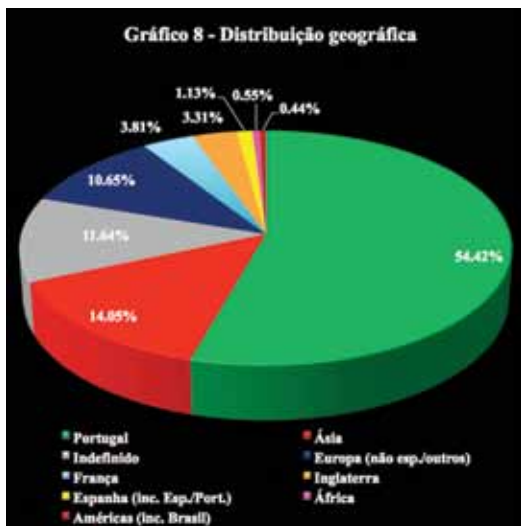
De qualquer modo, a menor representatividade dos lotes de data mais recuada pode iludir-nos a respeito da sua importância no mercado. Por exemplo, duas das peças que atingiram valores mais elevados, e que se encontram no *top 10* de vendas, foram produzidas, precisamente, nos inícios do século XVI.



Distribuição geográfica

Como seria de esperar, e como é próprio de mercados maioritariamente caracterizados por compradores e vendedores internos, de origem nacional, mais de metade dos lotes levados a leilão foram produzidos em Portugal (54,42%) (Gráfico 8). A segunda grande área de origem dos lotes é a Ásia (14,05%), muito por via do peso das porcelanas chinesas, seguindo-se a Europa (10,65%), sempre que não se especifica qual o país dentro deste continente. Em rigor, no entanto, existe um número muito elevado de lotes que não tem qualquer indicação a respeito

do seu local de produção, pelo que o terceiro “espaço” mais representativo é, na realidade, um território Indefinido (11,64%).



Média

Um dos aspetos mais reveladores da queda de valor verificada no mercado leiloeiro português, entre 2005 e 2011, encontra-se no decréscimo do valor médio de venda de cada lote, sobretudo desde 2009 (Gráfico 9). De facto, tendo em conta a inflação, verificamos que o ponto mais alto foi atingido em 2006, com o valor médio a situar-se nos 2292,34€, tendo-se atingido o valor mais baixo em 2011, ano em que o valor médio foi de 1318,5€. Por outras palavras, em média, hoje em dia é mais acessível adquirir um lote em leilão do que era até 2008.

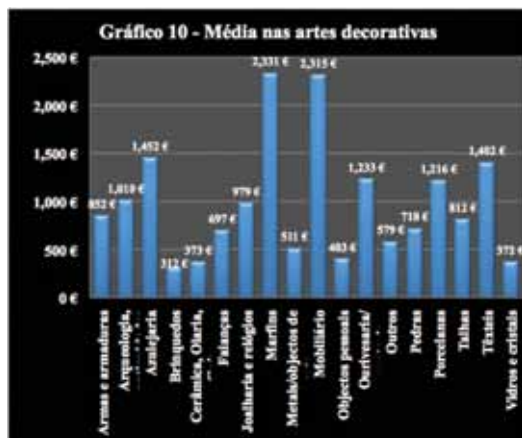
Agregando os valores de venda dos sete anos, em média, cada lote foi vendido por 1874,60€. Este valor, corrigido pela taxa de inflação, é bastante mais baixo do que o de outros mercados europeus. De facto, proporcionalmente, este valor é dezasseis vezes inferior à média de vendas no Reino Unido, sendo sensivelmente metade do valor obtido nos leilões alemães, holandeses, irlandeses, espanhóis e suecos, estando apenas ao nível das médias atingidas em leilões realizados na Bélgica.¹³



Média de preços nas artes decorativas

Atendendo à diversidade de tipologias que a nossa equipa definiu na classificação dos lotes de artes decorativas, é natural que exista uma grande oscilação, tanto em termos de quantidade de lotes dentro de cada tipologia (tal como já tivemos oportunidade de verificar no Gráfico 6), como em termos do valor médio de venda em cada uma.

O que podemos verificar a este respeito é que, em média, os lotes que pertencem ao mobiliário, aos marfins ou à azulejaria são aqueles que são transacionados por valores mais elevados (Gráfico 10). Em contrapartida, as tipologias que apresentam valores médios de venda mais baixos são os brinquedos, os vidros e cristais e, ainda, os lotes de cerâmica, olaria e grés.

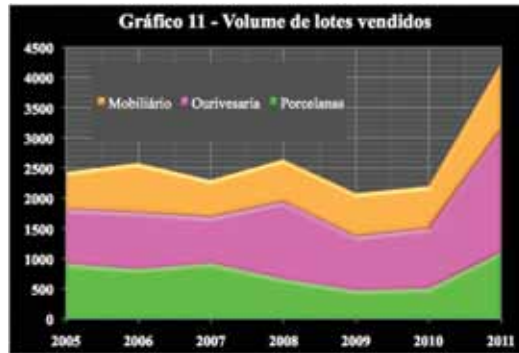


Evolução da procura em três tipologias das artes decorativas

Verificámos antes que as tipologias mais representativas das artes decorativas eram a ourivesaria e prataria,¹⁴ o mobiliário e as porcelanas (Gráfico 6). Nos leilões realizados no período analisado estas três tipologias representaram largos milhares de lotes em termos de oferta, tendo sido vendidos, no total, cerca de 18 500 lotes destas três tipologias (Gráfico 11). No último ano analisado, 2011, verificou-se um crescimento extraordinário do número de lotes vendidos, especialmente no segmento ourivesaria e prataria, passando-se de c. 2.200 lotes para um valor próximo dos 4.200.

Evolução da faturação em três tipologias das artes decorativas

A quase duplicação do número de lotes vendidos em 2011, porém, não teve a mesma repercussão ao nível dos valores de faturação (Gráfico 12). Com efeito, este desfasamento significa que o valor médio de venda de cada lote nestas tipologias desceu consideravelmente. Se compararmos o início da série com o seu final verificamos que os valores são praticamente iguais. Todavia, como o número de lotes em cada tipologia é muito superior, significa isso que é necessário vender muitos mais lotes para atingir os mesmos valores de faturação, especialmente no caso do mobiliário.



Evolução da média em três tipologias das artes decorativas

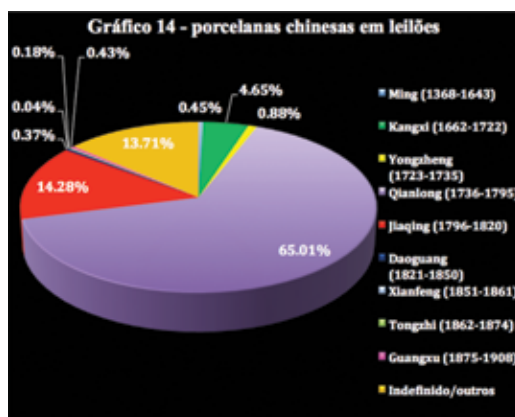
Observando a evolução dos valores médios de venda dos lotes de cada uma destas três tipologias percebemos, de facto, que apenas no caso da porcelana se assistiu a uma manutenção dos valores médios, já que nas duas restantes tipologias a tendência foi para o valor cair quase todos os anos, sendo esta queda bastante evidente no caso do mobiliário (Gráfico 13). Entre o início e o final da série, o valor médio de venda dos lotes de mobiliário caiu 49,93%, passando de 3366,53€ em 2005 para 1685,68€ em 2011. Na tipologia ourivesaria/prataria a queda quase chegou aos 40% (38,88%) passando-se de 1569,49€ em 2005 para 959,32€ em 2011.¹⁵ Portanto, apenas no caso das porcelanas se manteve uma relação razoável entre o início e o fim da série, passando-se de um valor médio de 1010,98€ em 2005 para 1034,57€ em 2011. Naturalmente, mesmo neste último caso, se tivéssemos em conta a inflação, a diferença entre o início e o final iria revelar uma perda do valor da média. Já no caso das duas tipologias anteriores, se tivéssemos em conta a inflação, a queda do valor médio seria ainda mais acentuada.



As porcelanas chinesas

O interesse do mercado português pelas porcelanas chinesas é bem conhecido. Os dois únicos retalhistas de antiguidades do nosso país com presença regular na mais importante feira internacional de antiguidades, a feira de Maastricht (ou TEFAF), trabalham, maioritariamente, com porcelanas chinesas, sobretudo da dinastia Qing. Do mesmo modo, os museus portugueses testemunham também o grande interesse por este tipo de bens artísticos. Não surpreende, pois, o elevado número de lotes de porcelana chinesa levados a leilão em Portugal. Na nossa base de dados encontram-se tratados cerca de 6000 lotes de porcelanas, alguns dos quais são constituídos por uma só peça, mas outros podem dizer respeito a serviços de jantar completos com dezenas de peças.

Em termos de épocas (Gráfico 13), dominam claramente as porcelanas da dinastia Qing, especialmente do reinado Qianlong (65,01%) e Jiaqing (14,28%), e em menor grau do reinado Kangxi (4,65%), sendo igualmente muito elevado o número de peças que não foi possível classificar (13,71%), mas que na maior parte dos casos são de produção mais recente. As porcelanas mais antigas, nomeadamente as da dinastia Ming, têm presença mais irregular no mercado português, não alcançando sequer 0,5% do total.



Segmentação dos preços

Reportando-nos, agora, à totalidade de géneros e tipologias, devemos dizer que o valor médio é bastante enganador. De facto, no universo estudado encontraram-se valores de venda que oscilaram entre o mínimo de 1€ e o máximo de 400 000€.¹⁶ Na realidade, o estudo efetuado revelou que entre 2005 e 2011 metade dos lotes foram vendidos abaixo de 420€ e que outra metade foi leiloadada acima desse valor. Fazendo uma segmentação por valores de venda (Gráfico 15) verificamos que 56,18% dos lotes foram vendidos por um valor igual ou inferior a 500€ e que 17,73% foram vendidos entre 501€ e 1000€. Por outras palavras, quase três quartos dos lotes vendidos foram transacionados por valores até aos 1000€. Acima deste valor, e até aos 2000€, foram vendidos 11,36% dos lotes, enquanto entre os 2001€ e os 3000€ foram leiloados 4,76% dos lotes. Entre os 10 001€ e os 50 000€ foram vendidos 2,42% dos lotes e acima desse valor foram transacionados apenas 0,24%. Colocando a fasquia nos valores superiores a 100 000€, verificamos que apenas 0,06% dos lotes ultrapassaram esse limite, o que corresponde a um total de 40 lotes.



O SEGMENTO SUPERIOR DO MERCADO LEILOEIRO PORTUGUÊS

Um dos aspetos mais mediáticos em qualquer mercado leiloeiro respeita ao segmento superior, nomeadamente aos recordes atingidos por um artista ou por uma peça de artes decorativas. Embora o segmento superior do mercado respeite a um número muito reduzido de lotes, a verdade é que muitas vezes esse pequeno número pode representar entre um terço e metade do volume de faturação das leiloeiras. Nesse sentido, a hiperatenção dedicada a este tipo de fenómeno não pode ser confundida, ou classificada, como uma doentia fascinação que afeta a sociedade de consumo. Com efeito, a atenção que vamos dedicar às vendas efetuadas pelos valores mais elevados entre 2005 e 2011 no âmbito do nosso estudo¹⁷ permite-nos ter uma perspetiva muito realista do segmento superior do mercado leiloeiro português, complementando a análise realizada anteriormente, mais focada em dados quantitativos, genéricos e de conjunto. Vejamos, pois, por ordem decrescente, quais foram as onze obras mais valiosas vendidas em leilão, para depois tecermos algumas considerações sobre o segmento superior do mercado leiloeiro português.



José Malhoa, *Festejando o São Martinho*, 1912 (óleo sobre tela, 58x77,5 cm). Cabral Moncada Leilões, maio de 2011 (leilão 128, lote 550). Martelo: 400 000€

A obra mais cara leiloadada diz respeito à terceira versão que Malhoa pintou da tela *Festejando o São Martinho*, o famoso quadro que se encontra no Museu Malhoa, nas Caldas da Rainha, pintado em 1907 numa escala superior (150x200 cm). Esta versão foi feita cinco anos depois e apresenta várias diferenças plásticas e compositivas, desde logo na orientação geral da luz e nas variações em azul da mesa. Essas diferenças levaram alguns especialistas a considerar esta versão como superior à original.

Esta é uma das poucas obras a respeito das quais é possível saber quem foi o comprador. Com efeito, esta tela foi adquirida pelo antiquário Mário Roque (S. Roque Antiquários) já após a hasta. Em abril de 2012 a peça esteve exposta para venda na Feira de Antiquidades organizada pela Associação Portuguesa de Antiquários, na Cordoaria Nacional, e, tanto quanto sabemos à data da redação deste texto, junho de 2012, continuava à espera de comprador no mesmo antiquário da Rua de São Bento.

De seguida apresento as restantes obras, por ordem decrescente, que compõem a lista de vendas mais caras no período de 2005 a 2011.



Paula Rego, *The Egyptian Cats*, 1982 (acrílico sobre papel colado em tela, 101x138 cm). Sala Branca, fevereiro de 2008 (leilão 1, lote 135). Martelo: 280 000€



Paula Rego. *Sem Título*, 1964 (colagem e acrílico sobre tela, 76x140 cm). Palácio do Correio Velho, março de 2008 (leilão 190, lote 237). Martelo: 250 000€



Salva em prata, Portugal, tardo-gótico/manuelino, finais século XV/inícios século XVI (26,5 cm, 463 g). Cabral Moncada Leilões, novembro de 2007 (leilão 90, lote 113). Martelo: 240 000€



Par de mesas de encostar, Portugal, D. José, século XVIII (81x127,5x64,8 cm). Palácio do Correio Velho, junho de 2005 (leilão 150, lote 148). Martelo: 200 000€



Amadeo Souza-Cardoso. *Paisagem*, 1910 (óleo sobre cartão, 26,8x34,9 cm). Palácio do Correio Velho, fevereiro de 2006 (leilão 161, lote 86). Martelo: 190 000€



Júlio Pomar. *Tereza (Rouge, Blanc, Vert, Toile Écrue)*, 1975 (acrílico sobre tela, 195x114 cm). Sala Branca, fevereiro de 2008 (leilão 1, lote 62). Martelo: 180 000€



Salva em prata, Portugal, tardo-gótico/manuelino, finais século XV/inícios século XVI (21,2 cm, 379 g). Cabral Moncada Leilões, maio de 2011 (leilão 128, lote 206). Martelo: 175 000€



Cofre luso-mogol, Guzerate (Índia) sécs. XVI/XVII (15,5x23,5x11,5 cm). Cabral Moncada Leilões, setembro de 2011 (leilão 130, lote 504). Martelo: 165 000€



Júlio Pomar. *Le Metro*, 1967 (óleo sobre tela, 65x92 cm). Palácio do Correio Velho, maio de 2007 (leilão 178, lote 191). Martelo: 161 000€



Columbano Bordalo Pinheiro, *O Concerto de Amadores ou Soirée chez lui*, 1882 (37,5x46,2 cm). Palácio do Correio Velho, junho de 2005 (leilão 150, lote 120). Martelo: 160 000€

Desta enumeração, referente a onze obras vendidas pelos valores mais elevados entre 2005 e 2011, é possível tirar algumas conclusões sobre as características do segmento superior do mercado português.

Em primeiro lugar, confirma-se que é um mercado totalmente dominado por artistas e obras de produção nacional.

Em segundo lugar, confirma-se que este segmento é claramente dominado pela pintura, sobretudo a realizada entre os finais do século XIX e os finais do século XX, com sete dos onze lotes em questão.

Em terceiro lugar, verifica-se que os artistas representados são extremamente conceituados no âmbito da história da arte portuguesa (Júlio Pomar, Paula Rego, Amadeo de Souza-Cardoso, Columbano Bordalo Pinheiro).

Por último, verifica-se a intromissão pontual de algumas peças de artes decorativas realizadas em períodos mais recuados, especialmente no âmbito da ourivesaria/prataria, cujas características em termos de estado de conservação, integridade, qualidade relativa (face a outras peças do mesmo género), antiguidade, relevância histórica e raridade são extremamente apelativas para os colecionadores, tratando-se, efetivamente, de peças que não destoariam se estivessem em exposição permanente nos principais museus portugueses de arte antiga.

CONCLUSÃO

De tudo aquilo que foi dito anteriormente, portanto, o que podemos concluir, antes de mais, diz respeito à reduzida dimensão do mercado leiloeiro português em termos de faturação (Gráfico 1). Ainda assim, os elementos que a nossa equipa de investigação coligiu permitem refutar por completo os dados apresentados por Clare McAndrew sobre a dimensão do mercado da arte em Portugal, já que esta autora considera que, pelo menos em 2008, o mercado da arte em Portugal, na sua totalidade – englobando o mercado primário (galerias), o mercado secundário (antiquários e outros retalhistas) e o mercado terciário (leiloeiras) – não representava mais do que € 20 milhões anuais.¹⁸ Com efeito, julgamos que o volume de negócios do mercado da arte em Portugal, incluindo as importações e as exportações, terá atingido os seus máximos em 2006 e em 2008, aproximando-se dos € 100-150 milhões em termos de volume de faturação, e neste momento, em 2011-12, representará sensivelmente metade desse valor, situando-se entre os € 50 e os 75 milhões anuais.¹⁹

Outra conclusão bastante evidente diz respeito à natureza eminentemente nacional do mercado português, quer na origem das obras transacionadas (Gráfico 8), quer ao nível dos vendedores e ao nível da maioria dos compradores.²⁰

Um dado muito relevante diz respeito ao peso significativo das artes decorativas no mercado nacional, em relação às chamadas “belas-arts” (*fine arts*). Como vimos (Gráfico 4) mais de dois terços dos lotes levados a leilão referem-se a peças que se integram nas artes decorativas, sendo a soma dos lotes de pintura e escultura inferior a 29%.²¹ Porém, se quantitativamente a percentagem de lotes de pintura vendidos é comparativamente baixa, com 19,82%, na realidade em termos de valor de faturação esses lotes representam quase tanto como as artes decorativas (Gráfico 5). Tal como vimos, a pintura representa 42,74% do valor das vendas em leilão e as artes decorativas representam 50,65% da faturação. Por outras palavras, o valor médio de cada lote de pintura é muito maior do que o valor médio de cada lote de artes decorativas.

Outro dado muito relevante que a investigação da nossa equipa revelou diz respeito ao baixo valor da maior parte dos lotes transacionados. Como vimos (Gráfico 15), mais de metade dos

lotes vendidos em leilão foram negociados por menos de 500€. Subindo a fasquia até aos 5000€ verificamos que 94,09% dos lotes foram vendidos até esse montante. Esta percentagem é interessante em termos comparativos, pois é bastante mais elevada do que acontece no mercado da arte em todo o mundo. Com efeito, desde 2007 que essa percentagem tem sido quase sempre inferior a 70% e apenas no fatídico ano de 2009, e no ano seguinte, é que essa percentagem tocou os 74%²². Já ao nível do segmento superior, os dados são do mesmo teor, pois entre 2005 e 2011 apenas 0,06% dos lotes leiloados em Portugal ultrapassaram os 100 000€. Comparativamente, em 2011 essa percentagem, agregando os dados do mercado leiloeiro de todo o mundo, essa percentagem foi de 2,2%, embora no eferescente mercado asiático (sobretudo na China) essa percentagem tenha chegado aos 12,1%.²³ Para concluirmos este ponto, digamos ainda que em Portugal, entre 2005 e 2011, 29% da faturação resultou da venda de apenas 1% dos lotes (naturalmente, os mais caros). Ora, no mundo, em 2011, essa percentagem foi de 58,5%, portanto o dobro, o que testemunha de forma eloquente o baixo valor relativo da maior parte dos lotes transacionados no mercado leiloeiro português, mesmo ao nível dos lotes do segmento superior do mercado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Artprice. 2010. *Art Market Trends, 2009*. Saint-Romain-au-Mont-d'Or: Artprice.com.
- , 2012. *Art Market Trends, 2011*. Saint-Romain-au-Mont-d'Or: Artprice.com.
- Conde, Idalina. 1998. Artistas e cientistas: retrato comum. In *Portugal: que modernidade?* Editado por A. Costa e J. Viegas. Oeiras: Celta.
- Magalhães, João. 2008. Portugal. In *The International Art Markets. The essential guide for collectors and investors*. Editado por James Goodwin. Londres: Kogan Page.
- McAndrew, Clare. 2008. *The International Art Market: a survey of Europe in a global context*. Helvoirt: The European Fine Art Foundation (TEFAF).
- , 2010. *The International Art Market, 2007-2009: trends in the art trade during global recession*. Helvoirt: The European Fine Art Foundation (TEFAF).
- , 2012. *The International Art Market in 2011: observations on the art trade over 25 years*. Helvoirt: The European Fine Art Foundation (TEFAF).
- Melo, Alexandre. 1999. *Arte e Mercado em Portugal: Inquérito às Galerias e Uma Carreira de Artista*. Lisboa: Observatório das Atividades Culturais.
- Santos, Maria L. e Alexandre Melo (eds.). 2001. *Galerias de Arte em Lisboa*. Lisboa: Observatório das Atividades Culturais.

NOTAS

- 1 Projeto de investigação com a referência PTDC/EAT-HAT/103690/2008.
- 2 Para estes valores vejam-se os dados divulgados em Artprice (2012) e em McAndrew (2012).

- 3 Refiro-me ao panorama em termos globais, pois em certas regiões e países, como Portugal, o quadro não é tão favorável.
- 4 Artprice (2012, 6-9).
- 5 Artprice (2012, 32).
- 6 Refiro-me, especificamente, a duas comunicações apresentadas em encontros científicos internacionais: L. U. Afonso e A. Fernandes, "Trends in the import and export of fine arts and antiques in the Portuguese art market (2005-2010)", apresentada na *42nd Annual Meeting of the Association for Spanish and Portuguese Historical Studies* em julho de 2011; e L. U. Afonso, A. Fernandes e L. Martins, "The impact of the international crisis in the Portuguese Auction Market", *16th International Conference on Cultural Economics* em junho de 2010.
- 7 McAndrew (2008, 46).
- 8 Nomeadamente, Conde 1998, Melo 1999, Santos e Melo 2001.
- 9 Os valores apresentados neste gráfico encontram-se em milhões de euros e estão corrigidos à taxa de inflação anual. Estes dados foram facultados pelas próprias leiloeiras e, obviamente, são valores superiores aos obtidos no somatório da base de dados que elaborámos, onde não estão incluídos todos os leilões realizados durante o período e onde não se procedeu a uma correção dos valores em função da taxa de inflação.
- 10 Para se poder cruzar os dados do volume de faturação com os dados do número total dos lotes, os valores apresentados neste gráfico encontram-se em unidades, no caso dos lotes, e em milhares de euros, no caso da faturação (neste caso, em valores corrigidos à taxa de inflação anual). Estes dados foram facultados pelas próprias leiloeiras e, obviamente, a quantidade de lotes apresentada é superior à que temos na base de dados elaborada

no âmbito deste projeto de investigação, onde não estão incluídos todos os leilões realizados pelas três leiloeiras entre 2005 e 2011.

- 11 Se excluirmos a Grã-Bretanha, onde esse valor é um pouco menor, normalmente 5-10% inferior à percentagem de retirados do mercado continental (Artprice 2010, 6-7).
- 12 Em termos de lotes vendidos os valores são ainda mais favoráveis às artes decorativas, que passam de 68,79% para 71,42% do total, enquanto a pintura e a escultura descem um pouco, passando, respetivamente, de 22,66% para 19,82% e de 6,16% para 5,73%.
- 13 Compare-se o valor da média nacional com os valores indicados para uma série de países em Clare McAndrew (2010, 81). Optei por comparar o valor médio português, no conjunto 2005-2011, com o valor médio de 2009 referente a esses países.
- 14 Uma tipologia constituída, sobretudo, por objetos em prata, e não tanto em ouro, tais como jarras, salvas, tocheiros, candelabros, castiçais, cafeteiras, açucareiros, bules, leiteiras, tabuleiros, faqueiros, talheres avulsos, paliteiros, tinteiros, bilheteiras, bacias, tumbuladeiras, lavandas, gomis, pratos, centros de mesa, etc.
- 15 De qualquer modo, no caso da ourivesaria/prataria a diminuição do valor médio de venda é menos dramática, já que esta tipologia teve um baixíssimo nível de retirados em 2011 (14,24%) e um valor baixo nos sete anos analisados (22,68%), enquanto o mobiliário teve um valor muito elevado de retirados em 2011 (40,26%), em linha com o valor muito elevado dos sete anos estudados (41,16%). Já agora, no caso das porcelanas diga-se que a percentagem de retirados também foi relativamente baixa em 2011 (25,34%), embora no conjunto dos sete anos analisados seja um pouco mais elevada (31,18%).
- 16 Estes dois extremos fogem por completo à normalidade, tendo-se vendido apenas um lote por cada um destes valores.
- 17 Portanto, com a ressalva de nos cingirmos apenas a uma parte dos leilões realizados entre 2005 e 2011. Com efeito, no momento de redação deste texto ainda não estão incluídos alguns leilões onde se alcançaram valores de venda muito elevados.

Por exemplo, no nosso *top 10* faltam-nos duas pinturas leiloadas no Palácio do Correio Velho em 2005 e 2006, uma de Amadeo de Souza-Cardoso (*O Pastor*) e outra de Paula Rego (*Madrasta*), que foram vendidas por 200 000€ e 220 000€, respetivamente, em leilões ainda não inseridos na nossa base de dados.

- 18 McAndrew (2008, 46).
- 19 Esta estimativa baseia-se, quer nos dados referentes à faturação das leiloeiras, onde vimos que 2006 foi o melhor ano de sempre, quer nos dados referentes à importação e exportação de obras de arte. Com efeito, em 2006 importaram-se 67,9 milhões de dólares em obras de arte e em 2008 esse valor foi de 59 milhões de dólares. Estes montantes referem-se, tanto a obras adquiridas por colecionadores (compradores finais), como por retalhistas (sobretudo galerias de arte contemporânea). Em contraste, atualmente, os valores referentes à importação de obras de arte andam à volta dos 10-11 milhões de euros.
- 20 Os dados sobre compradores e vendedores, como é evidente, são sigilosos. No entanto, nunca se referindo a um lote em concreto, a maior parte dos leiloeiros confirma a preponderância de compradores e vendedores nacionais, notando-se algum ascendente de compradores asiáticos no caso das obras produzidas nesse continente. Quanto ao mercado brasileiro, são cada vez mais escassos os compradores interessados em antiguidades ligadas a Portugal, ainda que subsistam importantes canais para a colocação no mercado português de peças conservadas no Brasil.
- 21 A percentagem em questão diz respeito aos lotes levados a leilão. Se contarmos apenas os lotes efetivamente vendidos, verificamos que o peso das artes decorativas é ainda maior. Cf. supra nota 12.
- 22 Artprice (2012, 21).
- 23 Artprice (2012, 3).

